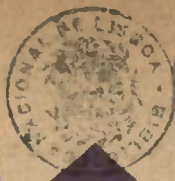


ALMA NOVA



nabor
XXVII

N.º 2

Agosto de 1927

2\$50

Neste n.º o suplemento "A GAROTA"

Parceria A. M. Pereira

R. Augusta, 44 a 54

L I S B O A



L I V R A R I A E D I T O R A
F U N D A D A E M 1 8 4 8
O F I C I N A S D E T I P O G R A F I A E E N C A D E R N A Ç Ã O
A M A I S A N T I G A C A S A E D I T O R A
D E O R I G E M P O R T U G U E S A



Obras de instrução profis-
sional, divulgação, romance,
História pátria, etc.

Editora das colecções populares de Camilo e obras de
Oliveira Martins, Junqueiro, D. Maria Amalia, etc.

A L M A N O V A

Condições de assinatura (pagamento adiantado):
Com o suplemento «A Garota» - Ano (12
num.), 25,00; Semestre (6 num.), 13,00.
:: :: :: Número avulso 2,50 :: :: ::
Só a «Alma Nova» ou só «A Garota»: Ano
(12 num.), 15,00; Sem. (6 num.), 8,00.
:: :: :: Número avulso 1,50 :: :: ::
As assinaturas para as Colónias, Brasil e res-
:: tantes países são acrescidas do porte. ::

Obs. — Todas as assinaturas do corrente se-
mestre da «Alma Nova» incluem «A Garota».

Todas as mudanças de residência, reclamações
ou devoluções, devem indicar o n.º do assinante.

Todo os assuntos administrativos só devem
ser tratados na Administração :

Calçada de João do Rio, 8-1.º — Lisboa



ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

FUNDADOR E GERENTE: MATEUS MORENO
ADMINISTRADOR-EDITOR: M. COUTINHO JUNIOR

Direcção: Dr. Emílio Salgueiro, Dr. Luís d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno. Redactores-secretários: Dr. Ascensão Mendonça, Dr. M. Gomes dos Santos e Rebelo de Bettencourt. Propriedade da Cooperativa Editora «RESSURGIMENTO», Redacção e Administração: T. de André Valente, 7 - 1.º E. (no Calhariz), Lisboa. Of. Técnica Tipográfica, R. da Rosa 24.



As festas de verão na Curia

Uma feira do seculo XVIII

As grandes festas de verão na Curia acabam de inaugurar, entre nós, sob o patrocínio artistico de Gustavo Matos Sequeira e Leitão de Barros — dois nomes suficientemente conhecidos para que eu necessite de os apresentar a V. Ex.^{as} — o ciclo das grandes festas de turismo. Trata-se duma feliz iniciativa que bem marece o nosso aplauso e o apoio de nós todos. Portugal — porque não havémos de têr a coragem de o confessar? — tem-se arrastado pesadamente dentro duma velha mala-posta; hoje mais do que nunca impõe-se que sangue novo e que energias novas dêem á nossa aparente decrepitude a radiosa mocidade dos triun-

fadores. Todos nós, cada um dentro do seu esforço, pequeno ou grande, temos o dever de actualisar Portugal.

As grandes festas de verão na Curia, foram um grande passo para essa actualisação, sob todos os aspectos.

Ao lado do seu caracter de fomento economico e industrial, elas constituíram uma grande lição de beleza e de dignidade artistica. Tendo a inspirá-las o bafo luminoso do futuro, não deixaram de prestar o seu fervoroso culto ao passado — que é, por assim dizer, o braço das nacionalidades.

Esta iniciativa, procurando animar as industrias e o comercio regionais, acordando a alma das

nobres províncias portuguesas; procurando realisar uma colorida parada de forças economicas e tendo escolhido para o fazer as sombras viçosas do Parque da Curia não quis limitar-se (embora isto já fosse muito) á fisionomia, tantas vezes repetida, duma feira vulgar com as suas barracas de lona incaracterística, e os seus vendedores... de frak e de côco. Não. Procurou enquadrar a sua realisação no pitoresco das velhas feiras do seculo XVIII, ricas de graça e de pitoresco, de opulencia e de caracter...

Parece que estou a vêr, enquanto escrevo, na doçura dum parque copiado á maravilha dum cartão de Boucher, Sua Magestade em pessôa, sob o pάλio d'oiro, entre generaes, cavaleiros e damas da corte, inaugurando a feira; as gondolas e os bergantins sulcando o lago como cisnes de prata nas noites de Queluz; as cavalhadas no-

bres e populares surpreendentes de alegria e de juventude; o teatro da feira, onde se representará a «Guerra do Alecrim e da Mangerona», numa nevoa de luz de azeite, entre brocateis de prata: as barracas dos velhos dôces conventuaes; os antigos pim-pam-puns; numa palavra, todo o colorido do seculo XVIII com os seus coches, as suas cadeirinhas, as suas berlindas, os seus espadachins, os seus lacaios, os seus frades risonhos, viçosos como barro das Caldas, sorrindo, abençoando, dando a mão a beijar às raparigas bonitas...

E as festas da Curia, e todas as que semelhantemente se vierem a realisar, serão assim, no seu duplo aspecto economico e artistico, uma grande lição industrial e pictorica, na qual todos nós portugueses, muito teremos que vêr e aprender.



LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES

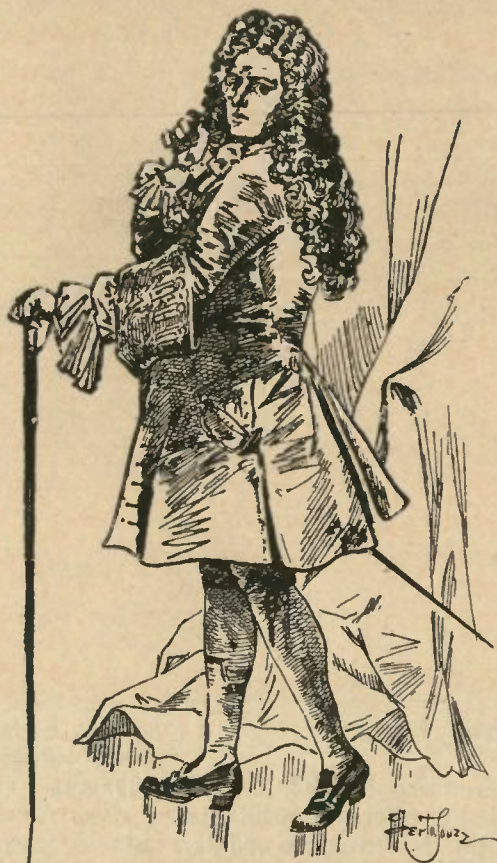
■
ILUSTRAÇÕES
DE

ALBERTO DE SOUSA
◆

Dr. Luís d'Oliveira Guimarães e M. Coutinho Junior

O corpo redactorial da «Alma Nova» fica desde hoje enriquecido com mais êstes dois nomes de inegavel merecimento: o primeiro como escritor e jornalista dos mais apreciados da nova geração, o segundo, como um brilhante espírito organisador e prático, já bastante afeito também ás lides da imprensa. As nossas boas vindas.

A «Alma Nova» não faz política partidaria, é uma revista puramente nacional



D. JOÃO V

É êle! o bule-bule rematado!
Autócrata no trono e no polvilho.
Sob o setim bordado do justilho
pulsa-lhe o peito, — o eterno enamorado.

❁ Manteve o culto sempre em todo o brilho;
e sempre em todo o brilho o seu toucado;
da Santa Igreja devotado filho,
do mundo e carne filho devotado.

❁ Pende-lhe, á vista, a clina do cilício
dos dourados florões da cabeceira.
Cada manhã, resado o santo officio,

❁ murmura a confissão aos pés de um frade;
de tarde, ao rálo da devota grade,
vae redizê-la as pés dalguma freira . . .

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO



Augusto do Nascimento

No seu número de Dezembro de 1925 teve a *Alma Nova* ensejo de se referir á brilhante exposição realizada por êste distinto artista, no Salão Bobone, em Novembro do mesmo ano, e as linhas que lhe consagrou mostraram bem qual o valor da sua técnica e dos 76 quadros ali expostos. Hoje dá esta revista uma noticia mais desenvolvida sôbre o artista e a sua arte, porque nesta casa procura prestar-se sempre a devida justiça áqueles que trabalham consciênte e sábiamente em qualquer campo da arte, das letras ou da sciência.

Augusto do Nascimento nasceu em Torres Vedras, em 21 de Agosto de 1891. Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa, onde concluiu o curso de pintura em 1915, tendo obtido diversas medalhas e menções honrosas nos cursos de desenho e pintura.

Em Dezembro de 1914, quando, juntamente com varios artistas, expôs alguns quadros no Salão da «Ilustração Portuguesa», a critica distinguiu-o altamente. De 1915 a 1925 a sua actividade artistica baixou um pouco, tendo-se o artista dedicado ao magistério secundario, para o que tirou o respectivo curso na Escola Normal Superior de Lisboa, mas não deixou, no entanto, de aperfeiçoar se na sua técnica, pois em Abril de 1925, na exposição anual da Sociedade Nacional de Belas Artes, a que enviou oito trabalhos, obteve uma medalha, e os seus quadros foram bastante apreciados pela critica e pelos artistas nacionais.

Em Novembro desse mesmo ano, a sua primeira exposição individual, no Salão Bobone, de Lisboa, pode dizer-se que corôa o esforço de artista.

Nessa exposição, Nascimento mostrou-se absolutamente senhor da sua arte, tirando notável partido da côr que ele domina por completo, harmonisando-a com a pincelada sóbria, precisa e sábia mente marcada. Alguns dos seus quadros feitos á espátula patentearam tambem uma

firmeza e elegancia de execução hoje não muito vulgares.

Da sua exposição de 1925, na Bobone a *Alma Nova* reproduz hoje a tela intitulada "A tarefa de Jesuina".

Augusto do Nascimento é irmão do conhecido e distinto maestro Herminio do Nascimento, que tantos e tantos loiros tem conquistado tambem, na arte de Beethoven.



Augusto do Nascimento

ESTUDOS

A PSICOLOGIA

VISTA ATRAVÉS DA

FILOLOGIA

Por Rodrigo de Sá Nogueira



ANDO êste titulo ao meu estudo, não queira o leitor imaginar que me proponho invadir terreno alheio, nemque pretendo pa- tentear conhecimentos que de facto não possuo.

O que aqui venho dizer é muito simples, pois são conclusões tiradas de factos correntes, que facilmente podem ser verificados por quem quer que seja.

A filologia tem infelizmente sido muito mal compreendida, e por êsse motivo indevidamente apreciada. Muitos vêem na filologia uma estopada, sem utilidade prática, nem mesmo teórica, mas firmemente creio que, se penetrassem um dia o espirito desta sciência, não deixariam de mudar de opinião.

A filologia, ou melhor, a glotologia é o estudo científico das linguas. Pode a glotologia apresentar vários aspectos, conforme os vários aspectos sob que podemos considerar uma lingua.

Se me propusesse dissertar sôbre o vasto conceito da glotologia, longe iria parar. Aqui só pretendo mostrar que na glotologia pontos há que recream o espirito.

Vejamos um.

Sendo a glotologia o estudo da palavra, e sendo a palavra o meio de expressão dos vários fenómenos do nosso espirito, tais como volições, sentimentos, juizos, etc., certamente não é para admirar que a observação cuidadosa da palavra, sob os seus múltiplos aspectos, nos ministre preciosos elementos para o estudo dos fenómenos psiquicos.

Há tempos publiquei na *Revista de Filologia Portuguesa* de S. Paulo, Brasil, um artigo intitulado «A psicologia estudada pela observação das linguas», em que procuro defender a tese de que o *homem tende para o bem*.

Aquele estudo é apenas uma amostra de quão rica é a fonte glotológica para o conhecimento da psicologia.

Hoje venho tratar do mesmo assunto, mas sob um novo aspecto, propondo-me demonstrar a seguinte tese: «Os portugueses não amam a igualdade de classes sociais».

Este enunciado equivale a: «o socialismo em Portugal é inexequivel, a não ser pela imposição da fôrça». Vejamos.

Entre os Romanos o tratamento era um: era *tu* para o servo, como era para o senhor.

Em Portugal, como nas outras nações da Europa moderna, mas principalmente em Portugal, muito gradualmente se foram criando outras formas de tratamento, começando primeiro por se adoptar a 2.^a pessoa do plural, e depois a 3.^a do singular.

Ao lado de *tu*, que se dava aos inferiores ou àqueles com quem se tinha familiaridade, usava-se antigamente de *vós*, quando se falava com alguém de mais consideração, ou com quem se não tinha sufficiente familiaridade.

Depois, talvez porque a forma *vós* era insufficiente, só por si, para originar tantas formas de tratamento quantas as pretensas classes sociais, e porque o espirito português se não conformava com um sistema que de certo modo estabelecia igualdade, ou, pelo menos, insufficiente desigualdade entre as várias categorias da nossa

sociedade, a pouco e pouco se foi adoptando a 3.^a pessoa do singular ao lado da 2.^a do plural, e em certos casos em substituição desta.

E' assim que vemos o magnificante cortejo de modos de tratamento: Vossa Magestade, Vossa Alteza, Vossa Santidade, Vossa Eminência, Vossa Reverência, dados respectivamente ao rei, ao príncipe ou ao infante, ao papa, ao bispo, ao padre.

Ao lado dêstes havia Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Vossa Mercê, Vossemecê, Você, e o Senhor, que se davam a várias pessoas, conforme as suas categorias sociais.

Hoje o emprêgo dêstes últimos tratamentos encontra-se numa fase aguda de luta pela vida.

Nos regulamentos militares estatui-se que seja dado *Excelência*, só aos officiaes superiores, isto é, de major para cima, e *Senhoria* aos subalternos, isto é, de alferes a capitão.

Não obstante isto o tratamento de *Senhoria* vai caindo em desuso na tropa, suplantado pelo de *Excelência*, mas no comércio está-se dando precisamente o contrário.

E' curioso notar que na tropa é dúbio o tratamento a dar aos sargentos; o soldado é tratado pelo superior por *tu* ou por *você* ou *vossemecê*; os sargentos são tratados pelos superiores por *o senhor faz, acontece*, etc., mas o inferior não o trata assim, porque o tratamento de *o senhor* se vai restringindo quase completamente ao uso do superior em relação a um inferior com pretensões a ter certa superioridade, ou de igual para igual, quando não sejam ou se não julguem de alta categoria.

Neste caso, e como o soldado não pode dar *Excelência* nem *Senhoria* ao sargento, nem mesmo *senhor*, trata-o por *o meu sargento faz, acontece*, etc.

Igual caso se dá com os filhos em relação aos pais. Seria ridiculo, um filho tratar o pai por *V. Ex.^a, Vossemecê* ou *Você*. Por isso, quando os não tratam por *tu*, dizem: *o Papá* ou *o Pai faz, acontece*, etc. — Contudo, entre as pessoas do povo, ou, para quem não gostar da expressão, entre as pessoas das classes mais baixas, é normal os filhos tratarem os pais por *Vossemecê* e até por *Você*.

Voltando ainda aos sargentos, um caso notável há a observar: quando um soldado, por exemplo, se dirige a um 1.^o sargento, diz: «dá licença, meu primeiro?»; mas se se dirige ao 2.^o sargento, jámais dirá «meu segundo», mas sim «meu sargento». — Este fenómeno psiquico analisado revela: 1.^o que o segundo sargento dispensa o *segundo*, por ser palavra comprometedora, que denota certa inferioridade, e o 2.^o sargento, como toda a gente, não quere ser inferior; 2.^o que o primeiro sargento, para evitar confusões inoportunas e importunas, elimina a palavra *sargento*, tanto mais que assim, como bom militar que é, se mostra disciplinado à lei... do menor esforço.

No emprêgo usual de *Vossa Excelência, Vossemecê* e *Você* dá-se um fenómeno de hesitação muito curioso.

Assim, hoje, quando se dirige um officio, emprega-se sempre *Vossa Excelência* (excepto no comércio, onde é corrente *Vossa Senhoria*), quer seja dirigido pela Associação de Classe dos Criados de Bordo, ou dos Estivadores, ou dos Sapateiros à Academia das Sciências de

Lisboa, quer desta instituição a qualquer daquelas associações. No entanto, falando de viva voz, jámais um académico dará *Excelência* a um criado de bordo, mas este é só por *Excelência* que trata aquele.

Você, que passava, e, em certos casos, ainda passa por ser inferior a *Vossemecê*, hoje usa-se nas salas de senhora para cavalheiro, e vice-versa, ao passo que *Vossemecê* é quase apanágio das criadas de servir e das peixeiras.

A um continuo de uma repartição pública não se dá o tratamento de *você* nem de *vossemecê*, por serem pequenos demais; o *senhor* é que se lhes dá, mas o superior dêle, dentro da mesma repartição, não lhe dá nem uma coisa, nem a outra. Para suprir esta falta, visto que acha o *senhor* tratamento grande de mais para um continuo, todas as vezes, em que tiver de se lhe dirigir, diz: o sr. José faz, acontece, etc..

Se encontramos alguém na rua, que não conheçamos, tratamo-lo por o *senhor* ou a *senhora*, se não for nem muito bem, nem muito mal parecido, quer pelo aspecto, quer pelo vestuário; mas, se nos aparenta certa importância, damos-lhe logo *Excelência*, sem curar de saber se é sapateiro ou carroceiro endomingados ou não.

*

Não ficam por aqui os sinais existentes na linguagem da repugnância que nos inspira a igualdade social.

Examinemos alguns mais.

A palavra *cabo* designava antigamente, de harmonia com o seu valor etimónico, uma alta posição militar, mas hoje é das mais baixas.

Capitão, que provem da mesma fonte que *cabo*, de *caput* = cabeça, não obstante ser hoje um posto muito superior àquele, não designa a idéia que lhe cabe, segundo o seu significado primitivo.

Major, que etimologicamente significa aquele que é maior, hoje não é o maior.

General é dos quatro vocábulos apresentados o único que possui um significado que condiz com o seu valor etimónico.

Antes de procurar outros exemplos, falemos ainda um pouco destes mesmos.

Se examinássemos o valor semântico dos quatro vocábulos *cabo*, *capitão*, *major* e *general*, pedindo auxílio à história, talvez fosse possível chegar à conclusão de que a ordem da sua hierarquia é inversa da da sua antiguidade.

Os factos demonstram que, à medida que se vão aperfeiçoando as coisas, a forma menos perfeita guarda consigo o nome, ao passo que a mais perfeita procura outro. Veja-se por exemplo o que succedeu com os vocábulos *hospedaria* e *hotel*, com *carreta* e *charrette*.

Por outro lado, demonstram também os factos que, todas as vezes em que certa classe pretende tornar-se superior, conquistando nomes que designam categorias mais elevadas, estas por seu lado acabam por procurar outra designação. Veja-se o que outrora se deu em Roma com as pretensões da plebe.

Hoje, no nosso país, é do dominio de todos que os fabricantes de pão não querem ser *pãdeiros*, mas sim *manipuladores de pão*; os *sapateiros* chamam-se *oficiais de sapateiro*, porque assim, pelo que se vê, deixam de ser *sapateiros* para serem *oficiais*; e o *sapateiro*, isto é, o dono da sapataria, ou seja da fábrica de sapatos, para não ser *sapateiro*, denomina-se *fabricante de calçado*. Os *carteiros* ou *distribuidores de cartas* são por si próprios denominados, não sei porquê, *boletineiros*.

Se me não engana o coração, dia virá ainda em que não iremos ao *barbeiro*, mas sim ao *depilador*.

*

Há uns anos a esta parte tem sido gigantesca a pugna que em Portugal se tem sustentado para conquistar títulos. Hoje são em todo o nosso país mais vulgares os doutores e engenheiros que os pardaos em Cabeceiras de Basto no tempo de Sá de Miranda.

Os individuos diplomados com o curso secundário da Escola de Buenos Aires, eram a principio chamados auxiliares de engenheiros. Com o tempo cõnceberam a igualitária idéia de mudar de nome, sem contudo alterar o programa de estudos, e ei-los que pedem uma coisa

muito simples: apenas inverter os termos à designação primitiva: em vez de *auxiliares de engenheiros* passaram a ser *engenheiros-auxiliares*. Assim ficava bem, e o prejuizo que poderiam causar aos verdadeiros engenheiros não devia ser nenhum. O pior, porém, é que um dia, como succedeu aos primeiros sargentos, se esqueceram do segundo elemento *auxiliar*, e ei-los que num abrir e fechar de olhos se encontram elevados à categoria da sua aspiração.

E que fizeram os verdadeiros engenheiros? Protestaram, gritaram. Por fim resolveram vingar-se chamando aos seus contendores *engenhocas*.

Nos cursos superiores há coisas curiosas: os formados pelas Faculdades de Letras, de Ciências e de Direito, são *licenciados*; os médicos e os veterinários são *doutores*; os de agronomia são *doutiores-enhenheiros-agrónomos*!

Em presença disto, que fazem os licenciados? para não desmentir o espirito nacional, fingem que não conhecem a lei, e, como quem não quer a coisa, deixam-se chamar doutores, quando não se intitulam a si próprios.

Outros factos se poderiam apontar, mas não quero abusar mais da benevolência do leitor.

Passarei a exemplos de outra natureza.

O amor à distincção de classes é ainda revelado, dentro do dominio da linguagem, pelo amor aos arcaísmos.

A cada passo vemos os nossos escritores e oradores fazerem reviver arcaísmo, levados pelo desejo de de algum modo se distinguirem da vulgaridade. Este facto é notável, mas, mais notável ainda é observar que aqueles que se inculcam democratas e socialistas são em regra os que mais apreciam, usam e abusam de arcaísmos e de estilos empolados.

Assim, a palavra *nédio*, que outrora fôra palavra popular, caiu depois em desuso, graças ao aparecimento da forma aportuguesada do seu étimo latino *nitido*, e hoje uma das pérolas dos estilistas.

Outro tanto succede com: *lidimo* a par de *legítimo*; *lindes* a par de *limites*; etc..

E' bem notória a luta sustentada pelas senhoras em defesa do velho titulo de *dona*.

Uma senhora de certa ordem não quer que se lhe chame D. Maria, por exemplo, mas sim Sr.^a D. Maria, para evitar confusões com alguma proprietária de casa de hóspedes.

Outras, mais meticulosas, franzem despeitadas o sobrenome se as não tratam por *madame*.

As donzelas de 14, 15 e 16 anos não querem ser *meninas*, porque podiam ser tomadas por *costureiras*, ou coisa parecida. Preferem *mademoiselle*.

Tudo isto é muito curioso, mas fatiga um pouco.

Para terminar convido o leitor a consultar o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, Lições de Philologia Portuguesa, págs. 206-207, onde alguns exemplos mais aduz.

RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA

LIVROS E PUBLICAÇÕES

REGISTO DE ENTRADAS:

Os Lusíadas e o Povo Português. — I — No Vocabulário, pelo prof. dr. M. F. do Estanco Louro. Edição do Autor. Dep. Livraria Pacheco, R. do Mundo, 79. Lisboa.

*

O Ensino Inicial da Leitura e da Escrita, pelo prof. dr. João da Silva Correia. Tip. Henrique Torres, R. de S. Bento, 279. Lisboa.

*

Divulgações jornalísticas de Justo de Lara, conf. por Enrique de Molina, trad. de Adolfo Faria de Castro.

*

«Aos Alunos da Escola de Guerra Mortos pela Patria. (1914-1918)», é uma formosa quadra do Ex.^{mo} Coronel do E. M. Mario de Campos, prof. da Escola Militar, e que foi junta à lapide comemorativa dos Mortos da Grande Guerra alunos daquela Escola. No próximo número a publicaremos, com as honras que merece.

NO BRASIL E EM PORTUGAL

DUAS FIGURAS:

Dr. Francisco Simões Corrêa



mar na amplitude da sua extranha grandiloquência, cantada em requintes melódiosos por tantos poetas, foi sempre sedução de gente lusa, mormente no litoral do continente ou em terras açorianas nascida. Assim se compreende o demandarem «mares nunca dantes navegados» na aventura de conhecerem terras nunca dantes divulgadas. Sucederam-se as gerações e o atraimento subsistiu. Gente intuitivamente colonizadora estreita com os nativos suas relações e almas, corações e bocas. Depois surge uma raça nova, glorificando o amor de duas raças. Eis a gente brasileira.

*

Descendendo dum açoreano da ilha Terceira, matrimoniado com senhora de distinta família fluminense, nasceu em 1848, em S. Sebastião do Rio Bonito o, mais tarde, professor distinto da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: doutor Francisco Simões Corrêa. Sua juventude passou, ora escutando as lições do cirurgião-mestre Vicente Saboia, ora ouvindo os conselhos do prof. dr. Torres Homem; ora divagando no convívio de prosadores e poetas como Olavo Bilac, Coelho Neto, Louis Murat, Raimundo Corrêa, Valentim de Magalhães, e outros dessa geração.

Formou-se, e da sua profissão fez sacerdotício. Medicou muito, desempenhou, gratuitamente, comissões científicas, e redigiu estudos, os quais conquistaram louvores da crítica.

Atualmente dirige o Sanatorio de São Sebastião, e nas horas de ociosidade, a que tem jús pela sua idade e decênios de labor, enclausura-se na sua escolhida biblioteca. Lá estão os classicos em primeiras edições, para o deliciarem na pureza da linguagem. Uma camoneana, mui completa, como uma não menos completa camiliana, começando ha pouco uma garreteana, as quais enchem de ha muito estantes da biblioteca de São Sebastião. Foi nessa camoneana — para orgulho do seu possuidor, — que o notavel artista Julião Machado, seu velho e querido amigo e hospede, estudou a obra de Camões, colhendo os primeiros e indirétoes elementos para illustração de *Os Lusíadas*, verdadeiro primôr de iluminura dos tempos d'agora, em que trabalha afincadamente.

Ha no doutor Simões Corrêa um enternecido amôr á litteratura portuguesa. Talvez repercussão do amor patrio de seus antepassados; porque êle, — não o esqueçamos — é sequencia do amor de duas raças, que estreitaram relações e almas, corações e bocas...

A. NEVES



Dr. Simões Corrêa

BARROS QUEIROZ JUSTA HOMENAGEM



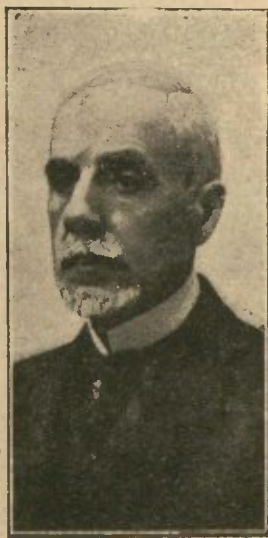
TOMÉ DE BARROS QUEIROZ, que foi Director Geral da Fazenda e Ministro das Finanças, foi um símbolo de trabalho persistente e de dedicação patriótica. A «Alma Nova» não podia deixar de tributar homenagem á sua memória honesta, associando-se em espirito á romagem de saudade que recentemente os seus admiradores organizaram ao seu tumulo, comemorando o 1.º aniversário da sua morte.

O ALGARVE LITERÁRIO E ARTÍSTICO



já bastante vasta a galeria de figurascidas no Algarve, que, tanto nas Artes como nas Letras, têm dado e estão dando brilho e valimento à vida mental portuguesa.

Entre a gente nova ha, sobretudo, uma verdadeira aurora de afirmações. Se bem que alguns dos mais valiosos elementos não vivam, é certo, na provincia, nem por isso os devemos considerar dela desligados. Muitos nela ainda deparamos, porém. Entre os primeiros é mistér salientarmos: Assis Esperança, romanista; Dr. José Guerreiro Murta, reitor do Liceu de Bocage e licenciado em Direito; o professor do Liceu de Pedro Nunes, licenciado em Direito e aluno da Cadeira dos Estudos Camoneanos, Dr. M. F. do Estanco Louro, que nos acaba de remeter um belo estudo sob o título «Os Lusíadas e o Povo Português - I - No Vocabulário»;



Sr. M. TEIXEIRA GOMES

Ex-Présidente da Republica e antigo ministro de Portugal junto da cõrte inglesa, o sr. M. Teixeira Gomes é uma das figuras mais curiosas e distintas da politica e das letras. Filho do Algarve, a sua prosa, elegante e viva, não desmente os traços característicos da sua ascendência. Contamos entrevistar brevemente S. Ex.^a, sobre assuntos literarios e de politica internacional.



Dr. JOSÉ DIAS SANCHO,

distinto escritor algarvio, que concluiu no ano findo a sua formatura em direito e de quem a Cooperativa Editora «Ressurgimento» vai editar um livro destinado a ruidoso successo, sob o titulo «Espanha Maravilhosa» e o subtitulo *Sevilha e Córdova*.

Julião Quintinha, tão algarvio como alentejano; Passos Ponte e tantos outros. Entre os segundos, são nomes que já nos acostumamos a pronunciar sempre, a par dos mais velhos (já preguiçosos, como Candido Guerreiro e Bernardo de Passos), os do Dr. Emiliano da Costa, Dr. José Dias Sancho, Dr. Fernandes Lopes, Caetano de Sousa, Sebastião da Costa, Boaventura Passos, Armando de Miranda, etc, etc.

Na Arte, pode dizer-se que em Lisboa pontificam dois dos mais curiosos e illustradores algarvios, Bernardo Marques e Roberto Nobre; e na musica, Ivo Cruz é um nome que todos já decoraram também.

Isto, para citar só os mais novos.

A todos, pois, o nosso jovial incitamento e a nossa esperança de os vermos em breve reunidos na tão falada e tão necessaria «Casa dos Algarvios» ..., de que não descuraremos.

M. M.

RENOVAÇÃO!

Por H. Nogueira de Brito

Ele. — Cheiram a morangos os teus beijos!

Ela. — Comi amoras de silva, e as amoras pouco aroma teem.

Ele. — Mas os teus lábios estão brancos de neve e as amoras são encarnadas!

Ela. — Também as tuas palavras são de ouro e tão pouco elas valem para mim...

Ele. — Maliciosa. Como queres que eu fale para ti? A tua bôca, fruto apeteçido, mente quando canta o amor, empalidece quando deixa aflorar uma verdade!

Ela. — Os teus olhos é que mentem, quando trocam as cores e vêem a alvura do lírio onde germinam papoilas!

Ele. — Não será a tua dissimulação que desvirtua a expressão do meu olhar?

Ela. — O aroma do jasmim não se confunde com o pólen do lírio... O bater da aza acorda o insecto medroso.

Ele. — Mas a flôr desabrocha e a borboleta acaricia com o seu vôo a aurora dessa vida que surge!

Ela. — Também a corrente dos regatos se embaraça na folhagem sêca que caiu dos salgueirais decrepitos.

Ele. — Os teus olhos estão hoje menos brilhantes. Uma névoa de incerteza os envolve. Dormiste pouco esta noite. O mundo dos sonhos estonteou a tua cabecita ingénua.

Ela. — Tem-se mais a noção da realidade quando se sonha... O pensamento de quem está acordado é a abstracção mais cruel da nossa vida!

Ele. — Oxalá houvesse quem descobrisse o sono eterno da vida!

Ela. — E acordar quando?

Ele. — Quando a vida deixasse de ser um sonho terrível!

Ela. — Queres saber o que foi o meu sonho desta noite?

Ele. — Deixa-me também acordar para o entender...

Ela. — Uma floresta enorme, rosmaninho queimado, crepitações de madeiras sêcas que mãos ocultas envolveram de tojo florido, para que melhor e mais depressa ardessem. Da fogueira erguiam-se vozes suplicantes a pedir o ar puro que os livrasse do brazeiro enorme! Nas arvores seculares chovera granizo pesado na véspera daquela manhã trágica. E, como o Sol não apparecera, no esconderijo dos troncos grossos abrigaram-se algumas pérolas de agua que a vinda do Astro empurrou consoladoramente para os caules sequiosos mordidos pelo fogo. E, novas vidas, gracios vegetações palpitarão desdenhosas do morticínio dos vegetais. E, outra noite caiu e mais gôtas de orvalho vieram purificar e incitar a eclosão magnífica dos arbustos tenros.

Ele. — E... como acabou o sonho?

Ela. — Quando as grandes arvores cobriram com os seus troncos resequidos, a pender para a terra, a verdura incerta que florira quando ainda durava o calôr da queima. E ninguem viu mais as cinzas do arvoredo porque o vento as soprou para longe.

Ele. — Para onde iriam as cinzas?

Ela. — Para os terras lonjiquas onde ha mais floresta para queimar e mais seiva para criar vidas!

Ele. — Os teus olhos estão hoje menos brilhantes. Uma névoa de incerteza os envolve. Vamos sonhar os dois?

Ela. — Não, para não acordarmos!

≡ III III ≡



OS NOSSOS LIVREIROS

A. M. Pereira, proprietário da antiga casa editora Parceria A. M. Pereira, é um dos nossos mais jovens e cultos livreiros-editores.



COLUMBANO

O illustre Mestre da Pintura Portuguesa e director do Museu de Arte Contemporânea acaba de ser alvo de uma alta distincção, por parte da «Galeria de Arte Moderna» de Florença, que admitiu nas suas salas um auto-retrato do glorioso artista.



OS NOSSOS REDACTORES

J. Rebelo de Bettencourt, é um dos mais curiosos espiritos moços das letras portuguezas, cuja graça jovial e alto senso critico os nossos leitores irão apreciar.

O próximo n.º sae a 15 de Setembro



Ele — Oxalá houvesse quem descobrisse o sono eterno da vida!
Ela — E acordar quando?
Ele — Quando a vida deixasse de ser um sonho terrível!

(Renovação! — Des. de Roberto Nobre).



a garôta

SUPLEMENTO MENSAL DA "ALMA NOVA"
ARTÍSTICO E RECREATIVO

DIR. ARTÍSTICO: DOMINGOS ASSUNÇÃO. GER.: MATEUS MORENO. ED.: M. COUTINHO JÚNIOR
◦ ◦ ◦ REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: T. ANDRÉ VALENTE, 7-1.º — LISBOA ◦ ◦ ◦



ILDA STICHINI

Uma das mais talentosas e curiosas
figuras de garôta no nosso
teatro de declamação.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SALVÉ!

QUE se admiram?! Que ainda tão miúda já venha traquinar convôsko?!

Pois aqui estou toda inteirinha. Sou eu mesma — «A Garota»!

Não te assustes, porém, tímida leitora; as minhas garotices não te farão córar...

A minha alma não é, como a da «Leviana» do sr. Antonio Ferro, uma alma intraduzível, analfabeta, «que não pode ser lida»... Serei uma menina-rapaz, endiabrada e irreverente como todos os demóniosinhos da minha idade, mas nunca uma impudente lequinha...

O meu próprio coração é um templo onde se adoram todas as divindades... um templo que não admite heresias...

*

Vai, meu amor, — disse a mamã «Alma Nova» — vai buscar de um salto todas as tuas companheiras da boa graça lusitana e vejam se acordam aquele *vêlhinho* que além parece adormecido, — a nossa mocidade de hoje. E' necessario dar-lhe mais vida, mais alegria, amor ao trabalho, enfim, — uma *alma nova!*

A isso vim. — Eis-me!

Lá está a mamãzinha, de olhito á espreita, a conversar agora com as nossas avósinhas do século XVIII?

Que simpáticas garotas!...

De empavezadas e conselheiras, até parece que já se não recordam das suas travessuras sob os caramanchões de Queluz...

*

Ser garota!... Qual de vós desconhece o que é ser garota?...

Ser garota é saber rir de tudo, a proposito de tudo contra e apesar de tudo; ser garota é só levar uma coisa a sério — divino paradoxo — o riso.

Porque o riso é, na verdade, a unica, a verdadeira expressão do triunfo. *Rira bien qui rira le dernier...* — lá diz o conhecido prolóquio.

E na nossa atormentada vida de hoje, o riso é uma necessidade, uma necessidade tão essencial e *primária*, como a instrução sobredita, que tanto, aliás, nos falta, ou os ginchos do «jazz», as saias acima do joelho, os cabelos á rapaz e a própria Censura á Imprensa, tão injustamente odiada...

Injustamente, sim! Pois já todos pensaram bem no servição enorme que a dita Censura nos prestaria, se acaso banisse dos jornais tudo o que não deixasse transparecer alegria e bem estar?...

Quanto a mim, seria mesmo a melhor maneira de se provar á saciedade, que em Portugal todos vivemos satisfeitos... com a Ditadura.

A GAROTA

A ARTE DE SE CONFORMAR...



Á medida que avanço na vida, vou perdendo, como a maioria dos mortais, as belas ilusões que no tempo radioso da minha adolescencia me faziam desejar envelhecer.

«Oh! — pensava eu então, — quando o eu tiver vinte anos!» Tive, porém, vinte anos e não me recordo de que o Destino se occupasse particularmente de mim nessa occasião.

«Oh! daqui a uns anos...»

Mas os anos decorreram — bastantes anos mesmo — e a maior parte das grandes venturas que eu esperava, não se deram ao incómodo de visitar-me.

Pelo contrario, a título, sem dúvida, de irónica compensação, tristezas que eu nunca sequer ousei imaginar tão duras, tristezas dolorosas se despenharam sobre mim. E, quantas vezes, elas me temem feito sinceramente acreditar que sou, afinal, «o mais desgraçado dos homens».

Encrando hem a vida, eu descobri, todavia, que tal afirmação era demasiado presumptiva. Basta, com effeito, olharmos atentamente em torno de nós, para apercebermos seres cuja sorte é muitas vezes mais lastimosa. Ante o sofrimento dessas criaturas, a gente sente-se de ordinário quasi arrependido de ter exagerado a importancia da nossa grande desventura, que puerilmente se nos afigurava sem exemplo.

E' certo que muitos cometem um êrro, de que são as lamentáveis victimas, colocando no primeiro plano das suas preocupações a vida sentimental. Evidentemente, pode se-me objectar que elles obedecem ao seu temperamento e que não são susceptíveis de agir de outro modo.

Assim é, mas seria irrisório pretender negar que nos podemos desembaraçar do fardo de hereditariedade e do hábito. Somos sempre mais ou menos prisioneiros da primeira educação recebida, dos predicados que nos foram inculcados na infancia. Só os imbecis se proclamam livres. Se estou, porém, convencido de que não somos inteiramente livres, convencido estou igualmente de que podemos, a pouco e pouco, ir desgastando ou cortando a maior parte dos liames que impedem os nossos movimentos naturais. Basta para isso que nos habituemos a raciocinar, a desenvolver continuamente o nosso espirito critico e a educar a nossa vontade. Porque tudo depende do treino.

A gente treina-se a querer, como se treina a correr. Uma vontade forte é inegavelmente mais preciosa do que uns jarretes robustos. Temos, com effeito, outros e melhores meios de locomoção do que as nossas pernas. Nada de melhor temos, porém, para opôr á adversidade, do que a nossa vontade.

Para esquecer as suas máguas, os fracos recorrem ao alcool e aos estupefacientes. Não o fazem em vão; elles conseguem facilmente alheiar-se da vida, durante algum tempo. Mas depois, quando tem acachado por conformar se com a sua sorte, verificam que substituíram uma desgraça por uma catástrofe, verificam que não mais podem abandonar o remedio funesto a que recorreram e temem o sentimento doloroso da sua irremediável destruição.

Para matar as suas máguas, os fortes contentam-se com chamar em seu socôrro a sua vontade e a sua razão; e quando são enganados ou traídos pela mulher que amam, elles recordam se desta verdade, que «a vida não se resume inteiramente no amor».

Pertence a frase a um livro de Louis de Robert, escritor de mui raro talento e a quem se deve pelo menos uma obra prima: *Le roman du malade*.

«La vie n'est pas tout entière resumée par l'amour». — Eis a grande verdade.

O êrro de todos os que amam — e que sofrem — é acreditarem que a vida se resume inteiramente no amor. Os que o amor desilude — e não são tão poucos! — devem reconhecer que ha muito mais coisas cá em haixo. Há a luta pela *vida-melhor*, como dizem os sindicalistas; ha a luta pela notoriedade e pela gloria; há a luta pelo dinheiro; há o trabalho sob todas as formas, e há, sobretudo a *alegria de se devotar*.

«A Garota», ao apparecer, cumprimenta todas as suas avósinhas e companheiras mais velhas de quem espera receber os melhores sorrisos de amizade.



Já pensaste bem, leitor, na felicidade que podes facilmente oferecer, e receber, curvando-te sobre o sofrimento dos que te cercam, aliviando-o, consolando-o?!

E não venham cá replicar-me, que obsequiando a todos, sem preconcebido discernimento, se semeia a ingratidão, e que a ingratidão é uma das taras mais feias da humanidade! Isso que me importa?!

Que importa que o amigo a quem prestamos um serviço não no-lo saiba um dia agradecer! No momento em que nós o socorremos, nós tivemos a impressão extranhamente doce, reconfortante, de que eramos melhores que muitos outros. E quem pode apagar do nosso íntimo esta satisfação?

Atendei. Vou referir-vos uma recordação pessoal que me é muito querida. Há uns vinte anos, passando diante dum bazar da rua La Fayette, vi um rapazito de uns dez anos, pedindo á mãe um polichinelo. O rapazito encaracolava-se, enganchava-se todo na mãe, que se esforçava por desviá-lo da tentação.

— Diz! mamá! Compra-me o polichinelo! Diz! mamá! Eu prometo-te ser muito homzinho!

E a mamá — uma operária de avental — esgotando os últimos argumentos, ripostou em tom decisivo.

— «Eu não tenho dinheiro suficiente para pão, quanto mais para te comprar um boneco de trez francos! E bruscamente arrastou o petiz, visivelmente impressionado por esta declaração.

Foi então que eu intervi:

— «Espera, meu anjinho! --- disse, acercando-me ---. Aqui tens trez francos para o teu polichinelo!»

A criança ficou hoquiaherta, a olhar-me, os grandes olhos fixos, estupefacta. A mãe còroua, um pouco envergonhada; e eu, sensivelmente comovido, afastei-me apressadamente.

Pois bem, é possível que o garotito, que é actualmente um homem, --- tenha esquecido o *gros monsieur* que lhe causou esta alegria inesperada. O *gros monsieur*, êsse, recorda-se e recordar-se-há sempre da curiosa figurinha espantada do rapazito, que não se atrevia acreditar nos seus próprios ouvidos. E nenhum azedume sente ao pensar que o seu acto talvez não tivesse deixado qualquer traço na memória do que beneficiou. Ele contenta-se com possuir uma doce recordação, uma recordação, que nunca o deixará, apenas por trez francos!...

*
«A vida não se resume inteiramente no amor.» E' preciso repeti-lo sem cessar, desde que em virtude duma desilusão sentimental, a gente se crê «a mais infeliz das mulheres» ou «o mais desgraçado dos homens».

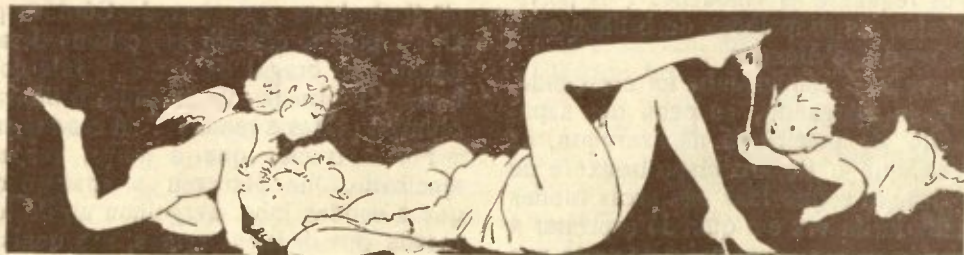
A arte de se conformar é menos difícil do que se supõe. Basta, antes de mais nada, querer.

E antes de mais nada é preciso dizer-se que a desesperança é um sentimento anormal, que se deve detestar. E' preciso dizer ainda que é uma criatura sem interesse, um pateta ridículo, o que se abandona ás máguas da existência, em vez de gosar de tudo o que ela nos pode oferecer de agradável. Sobretudo, não é preciso jámais pensar isto, que um dia — como já vai longe! — eu declarei a uma mulher por quem involuntariamente sofria bastante, mas que, aliás, merecia ser amada:

«Eu prefiro, ser desgraçado junto de ti, a ser feliz junto de outra. Eu amo o meu sofrimento .. porque o meu sofrimento é ainda qualquer coisa de ti.»



GABRIEL LACAZE



No próximo número: «A Garota» nas praias.
(Indiscrições, blagues & humorismo).

A CONDESSINHA

(SECULO XVIII)



o seu berço côr de neve, abrindo os olhitos azues, agitando a poalha doirada dos caracóis e enfaixada como uma múmia em mantilhas de rendas caras, a condessinha sorria.

Um diche d'oiro ao pescoço, um cruzado furado á cabeceira, figas, velas bentas e espadins velhos; toda uma legião de «fetiches», para evitar que as bruxas se aproximassem da nacarada flôr de carne que no bercito palavra. Até aos quatro anos foi o seu universo aquele vasto quarto risonho, todo forrado de panos de Yony onde se destacavam, aqui e ali, alguns retratos ovais de tios-avós. Eles, imponentes nas suas casacas de riço azul celeste, os bufes da camisa parecendo flocos de espuma, metendo no punho do quitó doirado o níveo lencinho de holland. Elas, as graciosas sécias, de cabeleira empoadada, os seios a descoberto, amorosamente mordidos pelo rosicler de prata e no canto dos olhos o apaixonado — o sinalzinho gaiato que fôra a perdição dos casquilhos de outr'ora.

Ao centro, um leito de pau santo, em cujo medalhão, gentis figurinhas de Watteau dançavam um minuete num serenim do Paço. Contadores dourados, em que serpenteava uma farandola de Cupidos, arcas profundas de brilhantes fechos metalicos cobertas de almofadas adamacadas e cómodas bojudas em que corriam figurinhas falantes esmaltadas em flautas de Pan e onde docemente morriam dezenas de velas em candelabros de prata. Finalmente, em face da «bergère» de seda Pompadour, o trenó doirado suportando todos os «colifichets» que aformoseavam a senhora marquezia, a mais falante frança do Paço. Lá estavam os leques e as «mouches», os polvilhos e o carmim, os paspalhões de brilhantes e os lenços de rendas d'Alençon.

Loura e travessa a condessinha foi crescendo. O donaire ia-se alargando, os pequ nos sapatinhos de salto de poleiro já não serviam, as tafuis bonecas que o tio arcebispo trouxera de França iam ficando esquecidas nas arcas fundas e a fidalguinha ia de vez em quando espreitar á gelosia, correndo ao som dum quitó de prata que saíra do boldrié marchetado. . . Foi num sarau do Paço, ao terminar um minuete de Avendaño, que ela ouviu a primeira palavra d'amor. Desde esse momento nem um só dia, o negrinho da



(De uma composição de Rocha Vieira).

menina deixou de levar as cartas d'amor que a obreia fechava e a agua de Córdova perfumava. Daí a pouco, quando as açafatas deram por terminados o bragal da noiva, a sala nobre do palacio foi ornada de brocado, brilhavam joias e plumas, pratas e rendas. . . A condessinha casava.

Foi a tremar que o noivo, respeitosa:nte ajoelhado, lhe ofereceu o «pucaro d'agua» em que a condessinha mergulhou ao de leve a ponta rosada dos deditos esguios, nos quais ficou uma gota a tremeluzir: — imagem da vida limpida que passára, quicá precursora das lágrimas que a Vida lhe reservava.



NOVELA INÉDITA

O BEIJO IMORTAL

■ Por Ferreira de Castro ■

A QUÊLE pormenor adquiria perante Luciano uma enormíssima importância. Era um grão de areia que se levantara da praia e viera meter-se nos olhos, incomodativamente. Outro homem não se teria preocupado com tal ninharia. Alguem já exigira á mulher que amava, á mulher com quem se casava, que nunca tivesse beijado outros lábios? O beijo não era na sociedade um delicto amoroso. Nenhum corpo virgem fôra considerado imaculado só porque a sua bôca se entregara, languidamente, á cerimonia admirável do beijo. Qual o marido que se podia orgulhar de que a esposa, antes das núpcias, nunca tivesse beijado outro homem?

E contudo isso jámais fôra obstáculo á felicidade...

Ele, porém, não podia admitir a idéa de que Eleonor houvesse entregado os lábios a outros que não fossem os seus.

E ficava a contemplá-la interrogativamente, como se na bôca rubra dela quizesse descobrir a verdade — a verdade que não lhe podiam dar as palavras de que êle sempre duvidaria.

Teria sido beijada por alguns dos namorados anteriores? Era tão natural... Ele próprio jámais deixára de beijar uma namorada...

Elas, geralmente, resistiam pouco.

E Eleonor não era uma excepção... Duas

semanas depois de se conhecerem êle curvava a cabeça dela sôbre o seu ombro e beijava-a sôfregamente. Dessa ausência de dificuldades, de protestos, de resistência, deviam ter beneficiado os que o antecederam... Como obter a certeza, como?

Só isto ia protelando, indefinidamente o pedido de casamento.

* * *

— Que importância tem um beijo? Que importa que Eleonor se tivesse deixado beijar antes de me conhecer? Se não passou dos beijos...? — perguntava Luciano a si próprio, procurando tranquilizar-se.

Mas logo vinha a reacção, logo surgia o principal motivo das suas indecisões, dos seus escrúpulos... Um beijo pode não ter importância, mas atrás dum beijo outro vem, e há sempre um que fica, que não se esquece. que se recordará sempre, ou pelo cenário em que foi dado, ou pela luz que envolvia as duas cabeças amorosas, ou até pelo seu perfume, pelo seu sabôr...

Quem não traz, inesquecível, imperecível, um beijo a bailar-lhe na memória? E as consequências dêsse beijo imortal podem assumir porções extraordinárias!

Luciano receiava que um dia ao beijar Eleonor, já depois do matrimónio, ela se recordasse dum outro beijo dado por um outro homem...

E então só fisicamente ela o beijaria; o espirito estaria na posse dos lábios evocados... E êle não podia fiscalizar essa extranha duplicidade. Tampouco poderia esboçar qualquer gesto de protesto, porque a infidelidade era involuntária e impremeditada.

E todavia, só a hipótese de que êle não poderia beijar Eleonor com a certeza de que nesse momento ela só a êle pertencia totalmente, integralmente, torturava-lhe o coração e o cérebro. Ah, que uma mulher só era pura, completamente pura, quando não havia experimentado sequer a inefável volúpia dum beijo!

— Então, Luciano? Já escolheste o dia em que me pedirás?

— Ainda não. E' melhor esperarmos mais algumas semanas, para depois, entre o dia do pedido e o do casamento, não mediar muito tempo. Mas descança que do pedido ao casamento o intervalo será pequeno, muito pequeno.

* * *

E se êle pudesse averiguar? Não lhe seria difícil saber quem teriam sido os namorados dela. Mas depois, depois?

Como saber se êles a tinham beijado?

Ele não lhes podia perguntar... E se pudesse e obtivesse confirmação, podia acreditar definitivamente?

Quási todos os homens ousam vangloriar-se de aventuras com mulheres, aventuras que na maioria das vezes não tiveram. Mas não; êle nada devia perguntar nesse sentido. E depois... Sim, sim, era ridículo! Quem, no século XX, levava tão longe os seus escrúpulos, os seus ciúmes, o seu exclusivismo?

— Sabes? Aproveitarei o dia do aniversário natalício de tua mãe, para pedir-te em casamento... Ela faz anos depois de amanhã, não é verdade?

— E'. Mas tu não me tinhas dito nada...

— Eu gosto de resolver as coisas de improviso. Além disso queria fazer-te uma surpresa... Pedir-te-hei depois de amanhã e casaremos na quinta-feira.

— Mas quási não ha tempo de me preparar...

— Não importa! Eu quero a ti e não quero ao enxoval. Casaremos e iremos passar a lua de mel a quinta dos meus pais, no Minho. E quando regressarmos, a nossa casa já estará pronta...

— Que feliz eu sou, Luciano!

* * *

Tudo decorrera como êle imaginara; o enebriamento, o sonho, a volúpia... Mas surgira também a sombra que êle temia. A's vezes, nos momentos de carícias, Eleonor estreitava-o fortemente e murmurava-lhe:

— Assim! Beija-me assim!

Ele afastava-a bruscamente e ficava de mau humor.

— Porquê? — perguntava ela. — Eu gosto tanto destes beijos!

Intimamente êle indignava-se. Era assim, certamente, que um dos outros a beijava. Doutra forma não se compreenderia aquela preferência por determinado beijo! Por que só um entre todos, a exaltava?

— Assim! Beija-me assim!

Uma noite, ao despir-se, êle fez deslizar um revólver para a gaveta da mesinha de cabeceira. Havia de saber tudo! Tudo acabaria nessa noite. Antes a cadeia, o degrêdo ou um tiro na cabeça, do que aquele inferno em que vivia o seu espirito!

Já deitados e apagada a luz, êle iniciou o interrogatório, envolvendo-a de carícias e dando-lhe um sentido de felicidade plena.

— Gostas ainda muito de mim!

— Muito! Ainda e sempre!

— Como no primeiro dia?

— Mais, muito mais!

— Meu amôr! Dize-me: nunca gostaste de nenhum outro homem como gostas de mim?

— Nunca!

— E dos namorados que tiveste?

— Só dum gostei sinceramente. Até uma certa altura, bem entendido... Mas nada que se comparasse com o amôr que tu me desperdaste...

Houve um silêncio. Ele tossiu, para apagar qualquer ruido que a mão pudesse fazer ao tirar o revólver da gaveta. E quando teve a arma sob os lençoes, apontada ao coração de Eleonor, perguntou:

— Por que deixaste de gostar desse homem?

— Ora! Porque, afinal, não me podia fazer feliz... Não sabia sequer beijar... Ah, tu sim, Luciano! Os teus beijos perturbam e dominam. Anda! Beija-me! Assim! Assim!

FERREIRA DE CASTRO

O S A M I G U I N H O S

• D E •

“A GAROTA”



Maria Filomena do Carmo e Cunha, gentil filhinha do nosso querido amigo e consocio sr. dr. F. do Carmo e Cunha, que completou há pouco 6 meses.



O menino Antonio Augusto de Figueiredo Coutinho, interessante filhinho do nosso novo administrador sr. Manuel Coutinho Junior, aos 2 anos.

NO ALBUM DA MENINA
ESMERALDA SAAVEDRA MACHADO

O Amor e a Família

Pour un fils, jusqu'ou va notre amour!

(J. Racine. — **Andromaque**. Acte III, Sc. 4).



FOI pelo amor que a familia se constituiu; foi o amor que magicamente prendeu dois corações e os uniu nos sagrados laços do matrimonio. Dêle nasceram os filhos e o amor continuou divinizando o lar, perfumando a vida. Nos seus primeiros impulsos é arrebatado, é violento, é mar que facilmente se encapela, é planta mimosa exposta a vendavais. Depois, com a familia, é quasi sempre lago tranquilo, flor que a brisa suavemente embala.

Os filhos crescem, casam-se. Vêm os netinhos — a alegria dos avós. E o amôr sempre môço nunca morre no coração dos velhos. E' rebento florido em tronco já mirrado.

Mas como é que o amor — gôta celeste no

cáliz da vida para lhe corrigir o amargor —pode gerar um dos piores venenos —o ciúme?

E' que ha diferentes espécies de amor. O que produz o ciúme é o amor-próprio. *Il ya dans la jalousie plus d'amour-propre que d'amour*, escreveu La Rochefoucauld.

O amor-próprio é inimigo da razão, é inquieto, desequilibrado, inconstante, imperfeito e impuro.

Para purificar o sentimento do amor, para lhe dar a perfeição eterna, imaginou Deus o coração dos pais.

Lisboa, 5 de Maio de 1927.

JOSÉ GUERREIRO MURTA



CARNET MONDAIN: — A saída da igreja, duas encantadoras crianças, servindo de caudatários, pegavam nas calças do noivo.



— Mamã, ¿ posso supor que convido uma amiguinha a tomar chá comigo?
 — ¿ Porque não, meu amor?!
 — Bem; que tragam então pasteis para dois.



A TIPLE: «Olvidar-te, nunca, nunca. Primeiro amor de mi vida!»
 ALGUEM DO PÚBLICO: — ¡Ó filha, que boa memória tens! . .



— Quando decidi dar a minha mão a Jorge, ele disse-me que estava no «sétimo céu».
 — É natural .., se havia já estado noivo seis vezes antes...



: : : B L O C - N O T S : : : :

Quando Carpentier abandonou o «box», declarou a um dos seus amigos literatos:

— Agora vou dedicar-me ao teatro, e depois a escrever novelas.

— E eu — respondeu imediatamente o escritor amigo — vou atirar-me ao «box».

(De Paris-Madrid).

Na Turquia uma mulher nunca vê o marido antes do casamento.

Na America sucede o mesmo, mas depois da bôda.

(Do Judg)



«A GAROTA» agradece todas as graças... dos seus leitores, que desejem graciosamente alegrar este recreio.

«A Garota» é dedicada a «Bébés» de todas as idades.